

# CORRESPONDÊNCIAS IDENTITÁRIAS EM CAIS-DO-SODRÉ, DE ORLANDA AMARÍLIS E PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

## IDENTITY CORRESPONDENCES IN ORLANDA AMARÍLIS' CAIS-DO-SODRÉ AND CONCEIÇÃO EVARISTO'S PONCIÁ VICÊNCIO

Celina de Oliveira Barbosa Gomes<sup>1</sup>

SEED – PR

Silvana Rodrigues Quintilhano<sup>2</sup>

UNESPAR - PR

<http://dx.doi.org/10.17074/2176-381X.2015v13n2p54>

**RESUMO:** O processo de colonização exploratória, perpetrado no Brasil e na África, ocasionou intersecções culturais que se afinaram por questões como a opressão e a resistência, conceitos fortemente atrelados ao tópico racial e à constituição de uma identidade própria, livre de estereótipos eurocêntricos. Assim, estreitar comparações entre textos africanos e afro-brasileiros parece atividade pertinente e, por isso, o trabalho busca realizar esta paralelização, considerando as personagens de *Cais-do-Sodré*, de Orlanda Amarílis, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Para tanto, utilizou-se arcabouço teórico encontrado em Balandier (1969), Ianni (2015), Bonnici (2009), Silva (2010), Santilli (1985), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura afro-brasileira; literatura cabo-verdiana; identidade; mulher.

**ABSTRACT:** *The process of exploratory colonization, perpetrated in Brazil and Africa, caused cultural intersections that coincided in issues such as oppression and resistance, concepts strongly linked to racial topic and the establishment of one's own identity, free from Eurocentric stereotypes. Thus, narrow comparisons between African and African-Brazilian texts seem a relevant activity, and therefore our work seeks to accomplish this parallelization, considering the characters of Cais-do-Sodré, by Orlanda Amarílis, and Ponciá Vicêncio, by Conceição Evaristo. To this end, we used theoretical framework found in Balandier (1969), Ianni (2015), Bonnici (2009), Silva (2010), Santilli (1985), among others.*

**KEYWORDS:** *African-Brazilian literature; Cape Verdean literature; identity; woman.*

### Introdução

A ação colonial exploratória praticada por Portugal tanto no Brasil quanto em suas colônias na África marcou expressivamente a constituição de nações, determinando, nestas, até mesmo o idioma falado, bem como muitos aspectos socioculturais e políticos. Além disso, essa experiência legou a muitos brasileiros e africanos o ranço da subordinação em relação à Europa, especialmente, no que se refere aos estigmas de colônia e de dependência. O aparelho colonial foi ainda responsável por fomentar a atividade escravagista e, por conseguinte, colaborou com o processo de miscigenação que, no caso, se

deu, em grande parte, pela comercialização de escravos e ocupações de terras colonizadas.

Com o decorrer dos anos e mesmo com as diferentes transformações históricas pelas quais as nações coloniais passaram, a saber, especialmente, pela independência política, as correspondências entre africanos e afro-brasileiros acabaram por se tornar cada vez maiores. Isto porque os mesmos países da África, principalmente aqueles fornecedores de escravos, como Angola, sofreram também a mesma invasão colonial e exploratória realizada pela Europa, bem como ainda trazem em sua memória a lembrança de um passado de opressão e de tentativa de tolhimento de suas identidades culturais. Nessa esteira, visando também rever aspectos de uma história oficial pautada na “necessária tutelação dos selvagens” (entenda-se aqui brasileiros nativos e/ou “sem cultura” e africanos), pelos civilizados (europeus), segundo o parâmetro eurocêntrico, comparar obras afro-brasileiras e africanas é uma iniciativa de atestação das tantas arbitrariedades advindas do domínio protagonizado pelo continente que tomava para si o direito e a responsabilidade pela erudição e pela razão e o julgamento desses valores em suas colônias.

Os textos de Orlanda Amarilys, escritora cabo-verdiana que discute a opressão colonial em relação às mulheres crioulas do Arquipélago, e de Conceição Evaristo, autora brasileira que contempla em suas escritas fortes marcas da identidade da mulher negra, dão conta de unir pontas históricas de países que estiveram sob o jugo europeu durante séculos. As obras dessas escritoras propõem, ainda, em relação ao Brasil e a Cabo Verde, a delineação de uma identidade cultural múltipla, que apresenta traços de um hibridismo que se assentou, inclusive, por uma espécie de antropofagia. Isto, na medida em que estas obras e muitas outras produções revelam, não obstante o ranço da influência colonial, uma reativa forma de apresentação, de modo a demarcar suas linhas genuínas e primeiras.

### **1. Literaturas afro-brasileira e cabo-verdiana: alguns aspectos**

Pela aposição do adjetivo “afro-brasileira” junto à palavra literatura é possível deduzir a intersecção entre temas, motivações, conflitos e outras similaridades entre África e Brasil, revelando a possibilidade de um diálogo

cultural de forma própria. De acordo com Duarte (2008, p.12), algumas características conferem a um texto o caráter de afro-brasilidade, a saber, primordialmente, as que tratam da temática, aqui fortemente semantizada pela negritude (IANNI. *Apud*: DUARTE, 2008, p.12), e as que consideram a autoria. Acerca deste segundo critério, Duarte (2008) afirma que há uma flexibilização da noção de autor afro-brasileiro, atestando que este indivíduo não se configura apenas pela cor de sua pele, mas por delineações individuais próprias do processo de miscigenação. Este estudioso vai corroborar ainda que não somente a descendência africana ou a contemplação do mote podem alocar um escritor no bojo desta “modalidade literária”. Há que se ter um ponto de vista que se identifique com a problemática, com a história, com a cultura e com as demandas advindas do tema da afro-brasilidade (DUARTE, 2008, p.12). É também apontada, no estudo de Duarte, a presença de uma linguagem e de um discurso específicos, perpassados por traços africanos, fortemente determinados pela oralidade, e compilados em um processo de transculturação corrente. Validando as noções de “Autor – Obra – Público” de Antonio Candido (2006), é igualmente destacada por Duarte (2008, p. 12) a demanda de um público leitor requerente deste tipo de texto afro-brasileiro.

Apesar destas formulações, há autores que não se afinam com critérios étnicos para distinguir produções ditas afro-brasileiras – de negros e de brancos (até porque, mesmo em África, muitos são os autores brancos, como Pepetela e Mia Couto, por exemplo) –, mas a consideram como parte da pluralidade e da diversidade literária que compõe a produção nacional, de modo geral, interagindo dialeticamente com as demais, o que ocorre em países de costumes múltiplos, muitos fragmentados, por conta de uma realidade ocasionada pela colonização (DUARTE, 2008, p.12). Acerca destas definições e conceituações, Souza (2006, p.12) assim se posiciona:

Segundo eles, tanto o termo “negro(a)” como a expressão “afro-brasileiro(a)” são utilizados para caracterizar uma particularidade artística e literária ou mesmo uma cultura em especial. Com base nesse raciocínio, ambos os termos são vistos como excludentes, porque particularizam questões que deveriam ser discutidas levando-se em consideração a cultura do povo de um modo geral e não apenas as suas particularidades.

No caso do Brasil, por exemplo, se deveria levar em conta a cultura brasileira e não apenas a cultura negra.

Numa opinião contrária, outros teóricos reconhecem que a particularização é necessária, pois quando se adota o uso de termos

abrangentes, os complexos conflitos de uma dada cultura ficam aparentemente nivelados e acabam sendo minimizados.

Mesmo diante de definições como as vistas acima, há quem diga que a literatura afro-brasileira é ainda um conceito em construção, como se vê em Ianni:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir [...]. (IANNI, 1998, p. 51)

Apesar de as proposições do autor terem sido elaboradas antes da virada do século, pode-se analisar que, mesmo hoje, ainda é difícil delinear plenamente o perfil deste tipo de escrita, sobretudo, por ser ela também produto e refinamento de ideias da contemporaneidade. Ideias estas que se assentam, inclusive, em propostas de revisão histórica, principalmente das versões europeias, desconstruindo paradigmas que privilegiavam homens, brancos e ocidentais (SILVA, 2010, p.1). Esta recontagem histórica, desestruturação de modelos e mesmo de estereótipos, ainda valida o que Bonnici (2009, p.266) atesta como processo de agência, característica de recolocação de indivíduos objetificados que passam a sujeitos de sua própria história. Isso ocorre, expressivamente, entre outros meios, na literatura afro-brasileira, num flagrante exercício de questionamento (no mínimo) de estilos e temas canonizados.

Teóricos como Silva (2010) também afirmam que escrever um texto de feições afro-brasileiras é uma forma de demarcar uma identidade multifacetada, perpassada por origens africanas, ocidentais, entre outras. Pode-se dizer que, inerente a esse tipo de identidade plural, as produções literárias africanas e afro-brasileiras propõem a reinvenção de uma ancestralidade mista, no caso, que lhes possibilite revelar uma forma nova e atual de expressar, literariamente, os aspectos culturais herdados, ora combinados e irreverentes frente a um passado de opressão e silenciamento, tanto no âmbito africano, quanto brasileiro.

Contudo, há que se ressaltar que a independência política, acontecida no Brasil em 1822, não se estende às ex-colônias portuguesas africanas, que

só adquiriram suas autonomias políticas após séculos de dominação, como, por exemplo, Cabo Verde que foi liberto em 1975.

Segundo Santilli (1985), na segunda metade do século XIX, com o surto do jornalismo, surgiram os fundamentos para as literaturas africanas de língua portuguesa. Na virada do século XX, essas literaturas alcançaram novas proporções delineadas pelo movimento da Negritude, organizado em Paris, fomentado pelos ideais das revistas estudantis *Légitime défense* e *L'étudiant noir*, editadas por Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e Léon Damas. Entre outros movimentos, revistas e congressos respaldaram as questões africanas no âmbito intelectual, fortalecendo perspectivas para os processos das independências.

Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor africano vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressava a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua europeia, era um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas. (FONSECA, 2014, p. 3)

Dessa forma, o escritor oscilou nesses “dois mundos” – europeu e africano – para a construção e consolidação de seu projeto literário. Santilli (1985) ressalta que, em Cabo Verde, a miscigenação étnica e cultural de europeus e africanos foi intensa, configurando o homem crioulo, “em cuja maneira de ser as culturas convergentes teceram mais cedo a unidade cultural cabo-verdiana” (SANTILLI, 1985, p. 23).

Acerca deste hibridismo cultural, vale citar as definições de Balandier (1969) de como este amálgama se consolida:

[...] o homem das sociedades chamadas dualistas não organiza sua existência situando-se alternativamente em face de dois setores separados e regidos, um pela tradição, outro pela modernidade. Permite apreender, a partir da experiência de vida, a dialética que opera entre um sistema tradicional (degradado) e um sistema moderno (imposto do exterior); faz surgir um terceiro tipo de sistema sócio-cultural, instável, cuja origem está ligada à defrontação dos dois primeiros (BALANDIER, 1969, p.166).

Considerando as proposições de Balandier (1969), pode-se dizer que os brasileiros e, neste artigo, os cabo-verdianos que foram subjugados pelo

mando colonial acabaram introjetando esta realidade de viver em dois mundos ou serem afetados por ambas as experiências, tanto a do tradicional, advinda também da realidade opressora, quanto a do moderno, marcada, entre outras coisas, pela insubordinação. E isto influencia sobremaneira a constituição de sua identidade, pois estes indivíduos se orientam por um lócus, espacial e temporal, peculiar, que lhes faz ter a visão de passado, presente e futuro e se posicionar social e culturalmente em relação a eles.

É sabido que o colonialismo perpetrou marcas profundas nos países que se tornaram colônias, sendo a Europa a protagonista de muitas destas catástrofes. Para além das forças de opressão que devastaram geográfica e economicamente estas regiões, a adulteração de instâncias culturais, morais, políticas e sociais acabaram por mexer também com as delineações identitárias dos povos. Muitos perpetraram a continuidade colonizadora, não obstante uma suposta independência, assimilando os moldes do aparelho colonial e adequando-os à sua nova realidade, atestando, ainda, uma famigerada dependência.

Outros, por sua vez, adotaram uma postura reativa, evidenciada em diferentes expressões: na política, nas práticas econômicas e artísticas e, mais especificamente, na literatura. Em Cabo Verde, esse momento de ruptura se dá com a publicação da Revista Claridade, de 1936-1960, organizada inicialmente por Manuel Lopes, Baltazar Lopes e Jorge Barbosa. Como afirma Nazareth Fonseca (2014, p.5), nos anos de 1936 e 1937, saíram os três primeiros números da revista; os outros seis foram publicados no período de 1947 a 1960. Entre poesias, contos e romances, os “claridosos” trouxeram à tona preocupações políticas, contextos socioeconômicos e culturais do Arquipélago, suscitando a emergente necessidade de voltar os olhos para a fratura cabo-verdiana versada em relação à seca, à fome e à emigração.

De modo geral, foi por conta dessa postura de insubordinação que se deu a fomentação de literaturas que, de alguma maneira, falassem por aqueles há tanto silenciados, e até mesmo alienados. Daí provêm as influências compiladas em uma escrita, no caso, afro-brasileira, que retoma, pelos ecos da memória ancestral, muitas das determinações que lhe outorgaram um lugar na sociedade; no caso da literatura cabo-verdiana, esta reconfigura o papel social do africano em seu espaço, lugar este ressemantizado em textos perpassados

por expressões culturais duplas, mas também por uma experiência própria advinda da ocasião de se estar em um espaço que Hall (2011) chama de entrelugar.

No Brasil, os *Cadernos negros*, coletânea periódica de textos afro-brasileiros, revelam as peculiaridades literárias de autores, mas, sobretudo, sua afinidade em relação à necessidade de evidenciação do elemento negro (ou “simpatizante” dele) determinado no/pelo contexto brasileiro. Sobre o material, Duarte adverte que:

Outra vertente dessa diversidade temática situa-se na história contemporânea e busca trazer ao leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de prosperidade cercadas de miséria e exclusão. De Lima Barreto a Carolina Maria de Jesus; de Oswald de Camargo a Conceição Evaristo, passando pelos poetas e ficcionistas reunidos na série *Cadernos Negros*, muitos são os que debruçam sobre o estigma do 14 de maio de 1888 – o longo *day after* da abolição, que se prolonga pelas décadas seguintes e chega ao século XXI. E logo surgem o subúrbio, a favela, a crítica ao preconceito e ao branqueamento, a marginalidade, a prisão.

(DUARTE, 2008, p. 14)

A citação de Duarte (2008, p.14) apresenta problematizações tematizadas nestas produções e, de certa forma, o itinerário histórico, os conflitos e desafios socioculturais e mesmo étnicos que os sujeitos – entendam-se aqui autores e personagens –, enfrentaram/enfrentam na expressão de sua arte e na própria vida, de modo a livrar-se e a desconstruir o ranço opressor e estereotipante que pairava/paira sobre o negro.

Conceição Evaristo é uma destas escritoras que instrumentalizou, por meio da arte literária, a delação de uma história cultural ainda marcada pelo preconceito racial e sexista, inclusive. E como forma de relacionar sua obra à dita literatura afro-brasileira – se bem que sua produção fala por si e dispensa justificativas – serão apresentados alguns aspectos de sua biografia e, sobretudo, de seu romance *Ponciá Vicêncio*, *corpus* utilizado neste recorte, na tentativa de aproximação com o conto de Orlanda Amarílis, “Cais do Sodré”, no qual é desvelado o cotidiano do povo cabo-verdiano entre suas andanças, desventuras e esperanças; portanto, tal obra é de igual envergadura reativa e expressiva em relação à experiência colonial.



## 2. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: evidências de uma identidade que ecoa da memória*

Falar de literatura afro-brasileira e atrelar a ela a imagem de Conceição Evaristo é quase que redundar em conceitos, uma vez que a autora investe-se de muitas das prerrogativas desta modalidade específica de produção artística. Evaristo tematiza, em grande parte de seus textos, a figura de sujeitos marcados pelo conflito de sua existência em lugares em que ela é, de alguma forma, tolhida, bem como pela expressão de fluxos sentimentais e de consciência que revelam um latente desejo de mudança ou, no mínimo, uma lúcida noção de sua condição. A obra da autora distingue-se pela recorrência à silhueta feminina, aqui significada por constantes fragmentações físicas (abortos, filhos que morrem), morais, socioculturais que, apesar disso, são responsáveis por uma reconstrução constante de expectativas, sonhos e mesmo de identidade. Além disso, o “embalo poético” que dá o tom de sua escrita é extremamente preciso e conveniente para enquadrar suas abordagens mais do que sensíveis de vidas envoltas em lutas diárias, individuais e coletivas, com e contra o mundo que as rodeia.

Vale dizer que a obra de Evaristo é sintomática de sua própria vida, pois a autora, segunda de uma prole de nove filhos, herdou de familiares, como a própria mãe, o gosto pelo “contar e ouvir histórias” (EVARISTO, 2003), prática, inclusive, característica na África – onde as famílias se reuniam sob a luz da lua para passar e ouvir ensinamentos e outras histórias. Daí a valorização da oralidade e a distinção da figura destes “contadores”, os chamados *gritos*. Como aponta Mazza (2003), Conceição Evaristo é capaz de transformar poeticamente os mais variados acontecimentos em narrativas, explicitando sua capacidade ímpar para a escrita literária.

Figurar na coletânea *Cadernos negros* é situação quase inerente à produção da autora, que participou com poesias e contos, surpreendendo também na prosa, como ocorre com seu romance *Ponciá Vicêncio*. Além de evidenciar-se em território nacional com uma escrita que combina beleza estética e cunho politizado, no que se refere, especialmente, ao papel da mulher em sociedades “pós(?)-coloniais”, Evaristo é ainda nome reconhecido em países como a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos por figurar em



searas literárias que se interessam pela literatura feminina negra e contemporânea (MAZZA, 2003).

Mas, para evidenciar de que maneira a escrita evaristiana dá conta de ilustrar uma construção de identidade pela memória, similarizando-se, em alguns aspectos, à produção de Orlanda Amarílis, tomar-se-á o romance *Ponciá Vicêncio*, valendo-se de aspectos pertinentes a esse recorte. O texto apresenta a trajetória – desde a infância à fase adulta – de Ponciá, a protagonista que vai externar, por meio da escrita magistral de Evaristo, os conflitos, os sonhos, os desejos, as frustrações, as lembranças de uma menina-mulher que, apesar de tudo, mostra-se cheia de esperanças. O relacionamento com a família, com os amigos, com o companheiro, com o “seu homem” (EVARISTO, 2003, p. 49) é utilizado como forma de delinear a identidade da personagem, fortemente marcada pelo passado que se projeta no presente e, quiçá, no futuro. Uma linha tênue entre estes tempos demarca a narrativa, bem como um limite entre o real e o imaginário. O enredo central da narrativa estabelece-se pelos diferentes dissabores pelos quais passa a jovem, a morte dos filhos, a perda do avô, o desvencilhar-se do irmão e da mãe – sintomático de uma separação da própria terra ancestral que parece se perder, mas que se quer cada vez mais viva – e a condição social difícil expressa pela pobreza, pela favela, pela privação de itens básicos de sobrevivência, pela violência perpetrada pelo marido, também vítima de seus próprios conflitos e de um contexto social ainda mais agressivo. As emoções de Ponciá fluem por meio de uma linguagem bem articulada e sem excessos.

A dita nudez sentida por Ponciá e mencionada no romance é significada por uma solidão, uma ausência das coisas, pessoas e experiências sentidas, sobretudo, na infância. Daí a grande relevância que o tempo – e a dinâmica dele – e a família têm na narrativa, principalmente, considerando o enfoque analítico tratado pela linguagem. Isto porque, tudo relacionado à vida da protagonista é simbólico, representativo de uma memória que a auxiliará na definição de sua identidade, na compreensão de quem ela é, de fato. Começando pelo nome, odiado pela menina no início; a jovem nota a peculiaridade da palavra, julgando desligada de si, ainda mais por saber que o sobrenome Vicêncio, que a acompanhava, viera de um remoto senhor de escravos, que um dia fora dono de um de seus antepassados. Acreditava,

então, que o nome não lhe dizia nada, não a caracterizava, como se vê no excerto: “E Ponciá? De onde teria vindo Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vivêncio era para ela um nome que não tinha dono” (EVARISTO, 2003, p. 27).

Outo aspecto que remonta à memória e que, conseqüentemente, valida a noção de literatura-afro-brasileira por embasar-se em paradigmas do continente africano, é a relevância dada ao avô de Ponciá. Como na África, os mais velhos, os ancestrais, mesmo mortos, são respeitados, cultuados e tidos como orientadores da família, em *Ponciá Vicêncio* isso também acontece, de certa forma, pois, mesmo em contextos e tempos distantes, a neta herda do avô a capacidade de olhar para o vazio, entre outros hábitos:

Fazia quase um ano que Vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? Todos se assustavam. A mãe e a madrinha benziam-se quando olhavam para Ponciá Vicêncio. Só o pai a aceitava. Só ele não espantou ao ver o braço quase cotó da menina. Só ele tomou como natural a parecença dela com o pai dele (EVARISTO, 2003, p. 13).

Um olhar, quiçá, para o vácuo de lembranças de um tempo remoto – passado na África, talvez – que ela não experienciou na prática, mas conhece de ouvir falar ou, fantasticamente, por meio de uma espécie de conexão ancestral. O tópico da ancestralidade é expressivo na narrativa de Evaristo, pois é nas lembranças da família que a protagonista busca seu reconhecimento, amalgamado com as vivências da fase adulta.

A construção de uma identidade pautada na memória, mas fundada também em um contexto brasileiro e pós-colonial se assenta sobre uma aparente (apenas!) “assimilação” – que não é aqui igual à aceitação, mas à noção de que não há muito o que se fazer – das instâncias segregadoras, ora estabelecidas na contemporaneidade e flagrantemente denunciadas no texto de Evaristo. Aqui são requisitados o olhar crítico, o questionamento e a insubordinação frente a uma escravidão velada, caracterizada pelo tolhimento dos direitos de empregados domésticos, rurais – especialmente negros – pela falta de expectativas de quem vem do campo e se aloca nas cidades, sobretudo nas favelas, engrossando os bolsões de pobreza e se submetendo às mazelas advindas deles, como se deduz do seguinte trecho:

Estava cansada de tudo ali. De trabalhar com o a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. (EVARISTO, 2003, p.32).

É, portanto, pelos ecos das lembranças de um passado ancestral, ao mesmo tempo distante, no que se refere ao avô e ao que ele representa, e perto, pela figura da mãe, do irmão e da rememoração da infância, que Ponciá vai-se descobrindo e entendendo suas origens, sua localização no mundo. Uma localização e configuração pessoal que se elucidam e buscam consolidar-se, quando da reflexão da personagem sobre sua atual condição, em uma constante procura de si mesma.

### **3. *Cais-do-Sodré*, de Orlanda Amarilis: a identidade múltipla da mulher cabo-verdiana**

De acordo com Santilli (1985), Orlanda Amarilis nasceu em Santiago, 1924, Cabo Verde. Em 1975 publicou *Cais-do-Sodré-Té-Salamansa*, tornando-se a primeira escritora cabo-verdiana a publicar um livro. Participou das Revistas *Certeza* e *O Eraldo*, de Goa. Em suas linhas narrativas traz o entorno de viver nas Ilhas, suas vicissitudes e ausências; sem deixar de emanar reflexões sobre a questão feminina em Cabo Verde.

Falar do cotidiano do Arquipélago impulsiona Orlanda a abordar um aspecto geográfico relacionado ao desenvolvimento socioeconômico e cultural de Cabo Verde: a questão climática. Segundo Fernandez:

Constitui-se de um arquipélago que compreende dez ilhas principais e alguns ilhéus que são tradicionalmente divididos em dois grupos de acordo com sua posição em relação aos ventos alísios dominantes: o grupo Barlavento, ao Norte, e o grupo Sotavento, a o Sul. A impropriedade do solo para a agricultura devido às formações de origem vulcânica das ilhas, a pobreza e a degradação do mesmo devido à exploração desenfreada a que os colonizadores portugueses o submeteram, e a escassez e irregularidade de chuvas geram a fome e a sede da população. (FERNANDEZ, 2015, p.7)

Esses fatores geraram em Cabo Verde um intenso processo migratório e, por consequência, a evasão tornou-se temática recorrente nos projetos literários cabo-verdianos. Em sua primeira antologia *Cais-do-Sodré-té-Salamansa*, Orlanda Amarilis:

[...] sobressai a literatura de migrante-mulher, repartida entre o espaço lisboeta (representado pelo *Cais-do-Sodré*) e a terra-mãe

(representada por Salamansa), ou dividida entre ficar no Mindelo e debandar para São Tomé ou para a América, Portugal ou França, Suíça. (GOMES, 2008, p.182)

Portanto, pode-se iniciar a análise do conto “Cais-do-sodré” pela compreensão do título:

A **Estação Ferroviária do Cais do Sodré** foi inaugurada em 4 de Setembro de 1895. A Linha de Cascais, que, desde 6 de Dezembro de 1890, tinha terminado em Alcântara-Mar, foi expandida até ao Cais do Sodré no dia 4 de Setembro de 1895. No ano de 1902, a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses empreendeu a construção de vários abrigos para passageiros nesta estação.

(Blog: “Lisboa – comparações com outros tempos”)

Assim, Cais do Sodré, estação de Lisboa, tornou-se um dos núcleos principais da migração dos cabo-verdianos, “(...) ponto de entrecruzamento ou de convergências das gentes de variada procedência em Lisboa, ou por Salamansa, a praia “sabe de tudo”, de Cabo Verde, a vida dos caminhantes de Orlanda” (SANTILLI, 1985, p.27).

Uma dessas “caminhantes” é a personagem Andresa, que, sentada no Cais-do-Sodré, reencontra uma conterrânea: Tanha. Nesse momento, “Andresa rebusca na memória a família da cara parada na sua frente” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.135). Ao se perceber na diáspora, Andresa remexe na memória os hábitos cabo-verdianos da conversa miúda e arrastada de calma; e num sintoma de atração estabelece contato com Tanha: “Sabe, eu estava a olhar para si porque vi logo ser gente da minha terra’, continuou Andresa, olhando e sorrindo para a figura seca de carnes sentada a seu lado.” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.135).

Andresa e Tanha, não fugindo dos preceitos cabo-verdianos, iniciam contato por meio do diálogo:

Encorajada, Andresa ainda arriscou:

“Está cá há muito tempo?”

“Sim, já vai para dois meses. Não é muito tempo, mas já é alguma coisa.” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.135)

Andresa converte sua estrutura linguística do português para o crioulo, língua materna de Cabo Verde, na tentativa desencadear um processo de identificação com Tanha.

Um sentimento diaspórico, que gera a perda da identidade, é percebido logo nas páginas iniciais do conto, pois Andresa sente-se como uma estrangeira diante dos seus. O processo de reconstrução/reconhecimento de

sua identidade se fará a partir de aproximações e distanciamentos, num jogo de atração e repulsa.

Percebe-se que logo que Andresa estabelece o contato com Tanha, utilizando o crioulo, sente-se incomodada pelo ato de aproximação: “Andresa ajeita a mala sobre os joelhos, acaricia o fecho da tartaruga num gesto vago, sem atinar por que dera conversa a senhora” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.135). Manifestando gestualmente o desejo de partir, de afastar-se daquele contato que, de sobressalto, interferia em sua atual pseudo-identidade.

A conversa continua e Andresa intenta nova identificação ao se apresentar, retomando seus laços consanguíneos: “Se eu era Andresa Silva, Andresa filha de nhô Toi Silva de Casa Madeira? Sim senhora, sou Andresa, sobrinha de nh’Ana, filha de nhô Toi. É sim.” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.135)

É comum o reconhecimento da genealogia familiar para identificação do sujeito com seus pares e sua relação de pertencimento. No entanto, Andresa, dividida entre cultivar ou negar os hábitos de sua terra, reage num tom de repulsa:

Mais conversa pã mode quê? Ainda hei-de perder essas manias. Manias de dar trela a todo o biscareta da minha terra. Apareça-me pela frente seja quem for, não conheço, acabou-se. Suas unhas delineam o fecho de tartaruga e o olhar perde-se no brilho negro da mala de verniz. (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, 135-136)

Entre a necessidade de reconhecer-se e o desejo de afastar-se, Andresa continua a conversa com Tanha. E é através desse diálogo que a protagonista tenta estabelecer sua estratégia de subversão ante sua condição assimilada. A conversa com Tanha certificaria que, mesmo assumindo nova identidade, ela ainda estabelecia vínculos com a sua identidade cabo-verdiana. A conversa foi-se afinando e Andresa reconheceu-se como uma cabo-verdiana, em condição diaspórica: ““Sabe, já lá vão quinze anos eu vim da nossa terra” (...) E comondo outro tom” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.137).

Andresa recompõe seus vínculos familiares, antes relatados falsos pela personagem, como estratégia discursiva da conversa para intentar falsos laços, numa tentativa de não pertencimento. Contudo, ao reativar a memória pela insistente conversa, ela percebe-se tomada pelo sentimento de pertencimento, assumindo caráter de representação social dos “flagelados do vento leste”

(LOPES, 1959). Entre causos, a conversa tomou seu curso de identificação: “Tanha levantou os olhos, virou a cara para Andresa e teve um sorriso de convívio, um sorriso das pessoas daquelas terras que encontram pessoas conhecidas, patrícios, amigos antigos” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.138). Conforme ressalva Maria Aparecida Santilli:

Com as mulheres de “Cais-do-Sodré”, Orlanda Amarilis manifesta os resíduos da “nostalgia entre o exílio e o desenraizamento” como uma nuance do terra-longismo, pela força do qual o universo cabo-verdiano se reorganiza nas teimosas e inevitáveis recordações. As lembranças viabilizam que se reconstituam com êxito um corpo de princípios e preconceitos, um sistema de valores próprio da gente das ilhas. (SANTILLI, 1985, p.27)

Na tentativa de reconstruir sua identidade cabo-verdiana, Andresa busca incessantemente suas tradições, entretanto, o mal-estar de ser esse sujeito subjugado, oprimido e submisso, traz a náusea e a repulsa.

De há algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patrício, sente necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar sua gente, a sua terra. Entretanto, feito o contato, o desencanto começa a apodera-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lho faz sentir. Não têm afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás. Nem são as mesmas. Topa-os aqui e ali, no Rossio, na Estrela, espalhados por Lisboa, no Camões aos domingos de manhã, no Conde Barão, no Cais do Sodré. (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.139)

Esse vínculo é rompido com a inusitada figura: “Uma inglesa ruiva, de bengala, senta-se a seu lado”, Andresa se recompõe, “atira para longe o cigarro e cruza as pernas” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.139), pois a introdução dessa nova personagem faz a protagonista recuperar sua identidade de assimilada. Todavia, Andresa, ao rememorar suas vivências cabo-verdianas, reatualiza sua tradição e seus símbolos de pertencimento, sentimento que a aproxima de suas raízes culturais, de seus vínculos identitários, “como se nunca se tivesse despegado da Mãe-Terra” (AMARILIS. *Apud*: SANTILLI, 1985, p.142). Reconhece-se como sujeito de sua história, de sua nação, de sua cultura peculiar. Seu lugar, portanto, era ao lado de Tanha!

### 3. Considerações finais

Vale ressaltar que as aproximações entre Brasil e Cabo Verde se dão a partir de dois momentos fundamentais: primeiro, pelo passado histórico colonial, pois os dois países sofreram o processo de colonização europeia;

segundo, pelo fato de a geração da Revista *Certeza* ter sido influenciada por obras dos regionalistas brasileiros de 1930, assumindo posturas políticas de emergência de conscientização cultural e social. Algumas dessas reciprocidades históricas e culturais são delineadas nos registros poéticos, aqui escolhidos, de Orlanda Amarílis e Conceição Evaristo.

Na poética de Orlanda Amarílis, a questão da identidade é tratada num jogo de alteridade. Andresa insistentemente busca em sua conterrânea “distanciamentos” e não vestígios de “aproximações”. É evidente o impasse dessa “migrante-mulher” constantemente dividida e constituída, a partir da modernidade colonial, pela “dupla tradição”: africana e europeia. Seu auto-reconhecimento se dá num processo de “releitura” dos costumes, a partir da memória. Esse lembrar suscita em Andresa o sentimento de pertencimento, num procedimento de revalorização de sua tradição cultural. Dessa forma, o recurso tático ao uso da memória tornou-se ativador e impulsionador da recuperação da tradição cabo-verdiana.

Já em Conceição Evaristo, a memória corrobora a delimitação de uma identidade, à medida em que a protagonista, aparentemente de forma involuntária, resgata suas lembranças infantis: as brincadeiras e as histórias fantásticas com o arco-íris, a vida prosaica com a mãe e o irmão, o desaparecimento do pai e a brusca separação entre ela e os familiares, evidências de um passado já marcado pela perda e pela necessidade de realocação sociocultural – como se deu com muitos dos indivíduos vindos da África, em uma expressiva atividade diaspórica. O próprio nome, antes questionado pela jovem que não o achava adequado a ela, assim como o sobrenome, posteriormente revelado como sendo originário de um possível escravocrata a quem um dos seus, um dia, pertenceu, mostra que a história da protagonista (e ela própria) são produto de um processo de colonização há muito perpetrado. Além disso, o ofício do manuseio da argila, advindo da mãe, valida a noção de uma herança ancestral – aqui, de mãe para filha – na tarefa de moldar o tempo e a vida, de acordo com as necessidades e situações correntes. Isto fica mais evidente pela carranca do avô de Ponciá, delineada pela neta no barro, em um expressivo exercício de identificação e de valorização dos costumes passados. Ainda acerca deste parente da protagonista, vale dizer que o perfil identitário de Vicêncio se justifica pela



mesma capacidade que tinha o mais velho de olhar para um vazio ou mesmo para um horizonte que ultrapassa as fronteiras temporais e geográficas. Isto, sob uma ótica adquirida pelos hábitos familiares, pelo ouvir falar e, quiçá, pela mística da conexão ancestral. Todos esses indícios colaboram, portanto, para a elucidação de Ponciá sobre sua identidade – ou sobre a origem dela, motivo de uma inquietação há muito sentida, incompreendida e, muitas vezes, silenciada, que nada mais era do que a força do passado ecoando no presente, culminando, então, em uma identidade afro-brasileira.

De acordo com Gomes (2008), Orlanda Amarílis é uma contadora de *causos*. É no relato desses *causos* que as personagens Andresa e Tanha recuperam o diálogo e, conseqüentemente, os constituintes da afinidade de vivências do cotidiano de Cabo Verde, efetivando a identificação. Tal processo é também encontrado em Conceição Evaristo que o denomina de “escrevivência”, como forma de contar e, ao mesmo tempo, delatar a vida, as dificuldades, as experiências e, sobretudo, resgatar as marcas de um passado ancestral há muito emudecido pela opressão colonial.

Nas duas obras, temos como protagonistas mulheres, Andresa e Ponciá, que, na organicidade da narrativa, são apresentadas num espaço de deslocamento. Andresa, em sua condição de estrangeira, é deslocada de sua africanidade, quando incorpora/assimila a cultura europeia. Por sua vez, Ponciá desloca-se geográfica e culturalmente de sua família – reduto primeiro de sua ancestralidade – e, por conseguinte, do conhecimento pleno de sua identidade, a qual ela compreenderá pelo resgate de suas lembranças, não só infantis, mas tradicionais.

Concluindo, é óbvio que as protagonistas diferem sobremaneira em seus contextos e realidades de atuação: Andresa é uma das caminantes, representante direta da diáspora e, mesmo africana, é um dos sujeitos envolvidos no processo de assimilação cultural, valendo-se dele para forjar uma pseudo-identidade que usa como credencial de prestígio. Já Ponciá é uma pobre moradora de uma favela brasileira, cuja vida fora marcada pelas mais cruéis mazelas: a perda trágica dos filhos, a miséria, a agressão do marido, o silêncio social e o afastamento da família primeira. Porém, pode-se constatar que tanto Conceição Evaristo quanto Orlanda Amarílis buscam, a partir da representação estética literária, a reflexão sobre o processo histórico, cultural e

identitário em relação a seus respectivos países, no intuito de recuperarem aspectos de tradições constantemente desacreditadas e sufocadas pelo poder europeu. Tais ações se deram pelo uso da memória como estratégia de reconstrução das identidades encobertas e desfiguradas, sejam afro-brasileiras ou cabo-verdianas que, hibridamente, reconhecem seus lugares, nos atuais contextos brasileiro e cabo-verdiano, pelo olhar dirigido (por cada uma das escritoras aqui estudadas) ao passado.

#### NOTAS:

<sup>1</sup>Mestre em Letras – Literatura Africana pela Universidade Estadual de Londrina – PR. Docente na SEED – PR. [celinalua@hotmail.com](mailto:celinalua@hotmail.com)

<sup>2</sup> Pós-Doutoranda PACC/UFRJ. Doutora em Letras pela UEL- Universidade Estadual de Londrina. Docente de Literatura de Língua Portuguesa na UNESPAR – Campus Apucarana. [sillrq@yahoo.com.br](mailto:sillrq@yahoo.com.br)

#### REFERÊNCIAS:

BALANDIER, G. *Antropologia política*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difell;Edusp, 1969, p.94-106.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: \_\_\_\_\_; ZOLIN, L. O. *Teoria literária: uma abordagem e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: EdUEM, 2009, p.257-285.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes do fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. Disponível em: [https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura\\_Afro-brasileira\\_EDUARDO.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura_Afro-brasileira_EDUARDO.pdf). Acesso em 15 de agosto de 2015.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FERNANDEZ, Glauco Ortega. *O retorno às raízes cabo-verdianas em Cais-do-Sodré, de Orlanda Amarílis*. Disponível em: <http://www.versaobeta.ufscar.br/index.php/vb/article/viewFile/9/3>. Acesso em 10 jul.2015.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *Literaturas africanas de expressão Portuguesa - I*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. V. 6.

FONSECA, Maria Nazareth Soares et alii. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*. Disponível em

[http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth\\_panorama.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf). Acesso em: 03 de outubro de 2014.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: Literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine L. G. Resende *et. alii*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

IANNI, Octavio. *Literatura e consciência*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/70034/72674>. Acesso em 12 jul. 2015.

LISBOA – *comparações com outros tempos*. Blog sobre a “Estação Ferroviária do Cais do Sodré”.

Disponível em: <http://lisboahojeentem.blogspot.com.br/2013/01/estacao-ferroviaria-do-cais-do-sodre.html> Acesso em 20 de agosto de 2015.

LOPES, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. Lisboa: Vega, 1959.

MAZZA, Editora. Conceição Evaristo. In: EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

SANTILLI, Maria Aparecida. “Três literaturas distintas”. In: *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA, Stefani. *Literatura afro-brasileira: uma identidade em questão*. Disponível em: [http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes\\_anteriores/volume1numero4/ARTIGOS/3.pdf](http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes_anteriores/volume1numero4/ARTIGOS/3.pdf). Acesso em 19 jul. 2015.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador; Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais; Fundação Cultural Palmares, 2006.

**Artigo recebido em 31 de agosto e aprovado em 03 de novembro de 2015.**